



O crime do Cais do Valongo: quando a saga da diversidade negra se projeta para a contemporaneidade

José Luiz Matias*

“A história e o conhecimento do povo negro são tesouros riquíssimos que precisam ser descobertos e aproveitados por toda a nação”.

Eliana Alves Cruz

Dentre as múltiplas manifestações que compõem o cenário artístico brasileiro, especialmente aquelas voltadas para a diversidade, a produção literária das escritoras negras se destaca como um dos campos mais questionadores. Não à toa, Fernanda Rodrigues Miranda afirma que “a literatura brasileira de autoria negra e sua respectiva crítica têm problematizado a fundo a questão dos apagamentos e silenciamentos que historicamente compõe o texto nacional canônico” (2019, 214). Mais adiante a autora complementa seu pensamento mencionando que “o apagamento/silenciamento da autoria negra é epistêmico, histórico e concreto” (p. 215).

A mesma autora pontifica que, sendo o romance o gênero literário que contribui mais significativamente para a construção da identidade nacional, algumas escritoras negras vêm rompendo esse apagamento/silenciamento, investindo principalmente naquelas expressões textuais que realizam a revisão cultural da negritude

* Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

no Brasil (p. 221). Com essa atitude voltada para a intelectualidade feminista, se dissolvem posturas indesejadas mediante as quais as mulheres negras sejam representadas pela “iconografia de corpos”, ou seja, sexualmente bem dotadas, e pelo “erotismo primitivo e desenfreado” (Hooks: 1984, 48).

Na contrapartida, despontam diversas intelectuais negras que continuam se empenhando na luta para publicar suas obras em coletivos e editoras independentes, reunindo um acervo expressivo, porém ainda com dificuldades para conquistar melhor distribuição de sua produção literária junto ao grande público, muitas vezes ficando restrita ao ambiente acadêmico, que continua receptivo a torná-las conhecidas e a estudar seus trabalhos. É entre essas obras que se inscreve o romance *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, trazendo uma perspectiva diferenciada relativa à interpretação da história de negras e negros egressos das nações da África, ao tratar da questão do escravismo no Brasil, situação representativa da diáspora mais pungente de que se tem notícia na História Universal.

A magia do Cais do Valongo e arrabaldes

Registre-se, como aspecto relevante descrito na narrativa, a apropriação do espaço onde é construída a trama. Além do Cais do Valongo que, nos dias atuais, tornou-se célebre pela descoberta do sítio arqueológico recentemente declarado pela Unesco como Patrimônio Mundial da Humanidade, os personagens circulam pelas adjacências, como o Cemitério dos Pretos Novos, a Pedra do Sal, a Praia de Dom Manoel, o Cais Pharoux, a Rua Direita e outros lugares na área central da cidade. Também se configuram nos relatos logradouros mais distantes, como o Caminho de São Cristóvão e o bairro de Botafogo, onde se instalavam a elite e a aristocracia. Em

Andaraí Grande ficavam as chácaras que as famílias mais abonadas utilizavam como casas de campo, especialmente em épocas festivas.

A amplitude com que se esboça essa cartografia marca a onipresença dos personagens no ambiente, garantindo, assim, a fidelidade da descrição dos arrabaldes do Rio de Janeiro nas priscas eras do período joanino. Tal cuidado é fruto do trabalho de pesquisa, ao se procurar manter a cenarização compatível com o sítio histórico e, ao mesmo tempo, propiciar certa dose de mistério que circunda o crime mencionado no título do romance.

Por ser onde as negras e os negros escravizados aportavam no Rio de Janeiro para serem comercializados como mercadoria nos armazéns, o Cais do Valongo ganhou relevância para a comunidade negra, tornando-se alvo de respeito e veneração para os afrodescendentes, pois representa um monumento importante da herança africana no Brasil.

A propósito dessa questão de representação do Cais do Valongo e arredores, podemos nos apoiar em Michel de Certeau, que considera haver dois tipos de relatos de espaço: aqueles que o consideram como mapa, no sentido de dar a conhecer a ordem dos lugares, e aqueles que são reconhecidos como percurso, por manifestarem os movimentos, identificarem os processos neles desenvolvidos e fazerem experienciar as intercorrências existentes naquele espaço (2000, 203).

Da maneira que se constrói o romance, o espaço compreendido pelo Rio de Janeiro daquela época é extraído da arqueologia para projetar-se na saga dos escravizados que o palmilharam, desde a chegada ao Cais do Valongo – perdendo o rumo da história por terem sido arrancados de sua terra natal –, até as andanças nas ruas coloniais, vergados sob o peso de suas incontáveis tarefas. Então, o

que se verifica na escritura do presente romance, na perspectiva de Michel de Certeau, é a convivência dos mapeamentos com os percursos, para compor o cenário onde se inaugura a nova história desses escravizados no complexo ambiente do Rio de Janeiro de antanho.

A trama: encruzilhada entre história e ficção

O romance, segundo a expressão de Luiz Antônio Simas (2019), é uma “encruzilhada entre a história e a ficção”, à medida que se constata serem seus conteúdos formatados mediante pesquisa intensiva, provenientes de subsídios buscados em Moçambique, onde a autora pôde, inclusive, recuperar a história de sua ancestralidade, para compor a origem dos personagens, além de dados colhidos em fontes históricas do Rio de Janeiro.

Por conta dessa encruzilhada entre história e ficção, se reconhece ao longo do fluxo narrativo o uso oportuno do *flashback*, com a interpenetração de várias outras histórias amalgamadas em segmentos paralelos, esvaziando totalmente a possibilidade de haver cronologia linear dos fatos. Para o leitor fica a impressão de simultaneísmo, ou seja: os acontecimentos se metamorfoseiam na escritura, à proporção que surgem na tessitura dos narradores Muana Lómuè e Nuno Alcântara Martinho. Assim, a narrativa é desfiada por esses dois narradores ao exercerem a observação arguta dos fatos ocorridos a seu redor e os recontarem, à feição do narrador benjaminiano, que “retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas às experiências dos seus ouvintes” (Benjamin: 1994, 201).

Muana Lómuè é negra escravizada de origem moçambicana, que possui mediunidade muito desenvolvida e, portanto, em condições de cultivar a convivência com os espíritos, especialmente

com seus ancestrais e aqueles com quem se encontra ao longo da existência. Ela sabe ler e escrever, mas não pode revelar essas competências adquiridas enquanto trabalha no Lazareto. Caso fosse descoberta, seria castigada, uma vez que tal prerrogativa não poderia ser desfrutada por pessoas escravizadas. Até mesmo muitos senhores e proprietários não tinham domínio de leitura e escrita e odiavam descobrir que os escravizados tinham conhecimento acima do deles. Queriam-nos exclusivamente para atividades subalternas e braçais.

Adiche Mbembe retrata com nitidez a situação dos escravizados como uma das primeiras manifestações de biopoder, ou seja, o completo domínio do colonizador sobre o outro, a ponto de lhe infligir uma tripla perda: do seu lar (a terra natal), dos direitos sobre o próprio corpo e de seu *status* político (o esvaziamento de sua cidadania). Segundo o mesmo autor, “essa tripla perda equivale a uma dominação absoluta, uma alienação de nascença e uma morte social (que é expulsão fora da humanidade)” (2018, 27), tornando “a vida do escravo, em muitos aspectos, [...] uma forma de morte-em-vida” (p. 29). Portanto, para mantê-lo como sua propriedade, o senhor precisava esvaziar os traços de subjetividade do escravizado, não lhe permitindo conhecimentos que estivessem acima de seu repertório.

Nuno de Alcântara Martinho é mestiço, denominado pelos portugueses como “mazombo”, ou seja, filho de português e mãe negra, nascido na colônia. Ele é livreiro e deseja abrir sua casa comercial, onde possa comercializar livros e também bebidas, já que é apreciador de bons vinhos e comidas. É a versão, na época joanina, da esperteza carioca, por sua habilidade em lidar com os poderosos daquele tempo, em proveito de suas armações.

A narradora e o narrador mencionados são testemunhas das circunstâncias do assassinato de Bernardo Lourenço Vianna, o

Barão de Mata-Cavalo, comerciante que enriqueceu com a venda de escravos em seu depósito no Valongo, com as diárias dos usuários da Hospedaria Vale Longo, existente nas proximidades do Cais, com agiotagem e outras atividades propícias àquela época, nem sempre muito honestas.

O cadáver do comerciante fora encontrado envolto numa colcha e dentro de um caixote, já em avançado estado de decomposição, com a faca enterrada na barriga e duas partes do corpo decepadas. Diante do mistério que cercava sua morte, foi considerado o defunto mais estranho da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro naquela época. Paulo Fernandes Viana, o Intendente-Geral da Polícia, é um dos personagens que realmente existiu durante a época joanina. Como a maior autoridade policial, a ele cabia investigar a morte do comerciante que, por sinal, seria também seu primo. O policial logo levanta suspeita sobre os negros que o comerciante mantinha sob seus serviços:

- Muana Lómuè tem porte altivo e forte personalidade, por isso Bernardo a apresenta como mucama durante seus contatos sociais. Além de atuar nos serviços domésticos da Hospedaria, costuma levar anúncios do patrão a serem publicados na *Gazeta do Rio de Janeiro*;

- Roza é cozinheira da Hospedaria; além de preparar pratos deliciosos, conhece a magia dos temperos e os utiliza quando necessário. Ela era maltratada cotidianamente por D. Ignácia, a mulher de Bernardo. Além disso, foi diversas vezes açoitada e estuprada pelo comerciante, ainda mais após o falecimento de sua esposa;

- Marianno Benguella é o terceiro escravizado que vivia próximo do comerciante. É encarregado dos serviços de limpeza e

capina, inclusive da chácara de Bernardo em Andaraí Grande. Além dessas atividades, também sabe costurar. Corre grande risco por ser homossexual, pois naquela época tal opção era alvo de severa repressão, como ocorreu com Joaquim Mani Congo, que foi mergulhado em água fervente. Entretanto, o fato de ser discreto não o impede de ser chamado de "chimbando" nas ruas por onde passa.

Ao lado desses suspeitos em potencial, o Intendente desconfia também de Nuno. O livreiro contraíra havia muito tempo a dívida de quase um conto de réis com Bernardo e, como não via meios de recebê-la, o comerciante contratou alguns capatazes para lhe aplicar um terrível corretivo e ainda deixá-lo jurado de morte. Nuno foi socorrido por Tereza Nagô, por quem se apaixonou. Tereza era negra de ganho e, durante a atividade de "venda de bananas, laranjas, azeite de carrapato, bolo, cuscuz" (Cruz: 2018, 37) para sua senhora, conseguiu reunir o suficiente para mais tarde conquistar sua carta de alforria. Entretanto, sua proprietária recusou lhe conceder a alforria, o que fez Nuno armar, mais tarde, um estratagema junto ao Intendente para conseguir graça real para Tereza e alforria para os escravos do falecido Bernardo (p. 187).

Constando na lista de suspeitos do Intendente, Nuno consegue, com sua verve, afastar a desconfiança do policial, alegando não ter coragem suficiente para cometer assassinato, mesmo que fosse "o ensebado, sovina, escroque, chantagista, zângano [agiota desonesto, fraudulento], violento, cruel e despudorado Bernardo Lourenço Vianna", que era antipatizado por inúmeros habitantes do Rio de Janeiro (p. 97).

Apesar de manter sob controle a suspeita do Intendente, Nuno ainda corre perigo, agora devido à prova de ordem material. Os

bens de Bernardo seriam leiloados e, entre eles, estavam as letras de câmbio que comprovavam a dívida. Por isso era preciso recuperá-las, antes de chegarem às mãos do novo proprietário. O livreiro combina de ir com o Intendente e com um oficial da guarda à Hospedaria Vale Longo, quando os policiais fossem fiscalizar os bens do falecido antes do leilão. O oficial ficaria lá para tomar conta dos bens até o leilão.

Na Hospedaria, os três aproveitaram para comer o famoso ensopado da Roza, regado do excelente vinho do falecido Bernardo. A farta refeição os deixa sonolentos. Nuno aproveita a prostração dos policiais para procurar a prova de sua dívida, mas não consegue encontrá-la. Para sua surpresa, Muana surge de posse das letras de câmbio e as queima numa panela, não sem antes combinar com Nuno que ele esconderia o baú com seus escritos na casa do livreiro. Ainda zonzos, os três comensais ouvem a confissão dos três escravizados, porém sem atinar com o mérito do que é falado:

- Marianno diz ter costurado a colcha de retalhos aos poucos, para servir de mortalha para Bernardo e, ao terminá-la, o matou em pensamento;

- Roza confessa o seguinte: “Eu cravei aquele punhal. Não importa que já estivesse morto. Eu arranquei dele a arma suja que usava para entrar em mim e cravei o punhal naquela barriga que comia minha comida” (p. 147);

- Muana finaliza: “Eu também matei o senhor. Eu o condenei ao mesmo destino que ele e seus iguais ajudaram outros a encontrar. E mostrou o dedo mínimo do senhor Bernardo Lourenço Vianna” (p. 147).

No outro dia, quando despertaram de sua letargia, apenas Nuno se recordava de algo. O Intendente e o guarda não se lembra-

vam de nada. Pensando no que Roza teria posto naquela comida, Nuno conclui: “ninguém é o que parece” (p. 157).

Muana e Nuno: quando o passado se projeta na atualidade

À medida que a trama é desenvolvida, na abertura de cada capítulo surgem notas aparentemente extraídas dos jornais da época, com predomínio daquelas veiculadas pela *Gazeta do Rio de Janeiro*. A ortografia e a fraseologia adotadas nessas ilustrações contribuem para a verossimilhança dos fatos contextualizados na narrativa.

Muana é estimulada por Mr. Toole, professor de inglês que teria vindo exercer sua profissão no Brasil, a contar e escrever sua história de vida, desde a época de Moçambique. Ela é filha de Mutandi e Atinfa, nascida na aldeia da nação Macua-Lómuè, próxima ao Monte Namuli. Quando menina, vivia livre brincando com o amigo Umpulla, que depois se tornou seu grande amor. Venera a deusa Nipele, Grande Mãe Macua, cujo nome significa “seio que alimenta, que dá vida”. Dentro da cosmogonia de sua nação, Nipele criou a humanidade a partir das raízes do Embondeiro (Baobá) que existia no Monte Namuli, quando seus quatro filhos desceram o monte para humanizar os territórios que vão do norte do Rio Zambeze até o sul da Tanzânia.

Vale registrar a importância da cosmogonia para firmar a identidade e a autoestima das negras e dos negros escravizados que, assim, não perdiam totalmente a ligação com suas origens. No caso de Muana, ao longo de sua trajetória durante o aprisionamento e vinda para o Brasil, já havia sido obrigada a converter-se ao islamismo e ao catolicismo. Porém nunca rompeu o elo com Nipele, sua crença maior. O desenvolvimento de sua espiritualidade lhe permite ter visões com espíritos e se transportar à dimensão do pós-vida. Acontece até

mesmo antes de essa legião de espíritos se unir em torno de Muana para protegê-la das ameaças enfrentadas no cotidiano.

O romance atinge seu clímax quando Bernardo Vianna, após a viuvez, se empenha em cortejar Emerenciana Campelo D'Ávila, que o aceita, mesmo lhe tendo asco, pois precisa do casamento de conveniência para salvar a família da situação financeira difícil em que estavam. Durante a festa de noivado se evidencia o contraste entre eles na narração de Muana: “Ela possuía um rosto angelical, com profundos olhos azuis, cabelos cor de mel, faces rosadas e delicadas mãos”. Bernardo é descrito “sempre com a mesma aparência gordurosa, vestido como quem se esforça para estar na última moda, mas o máximo que consegue é copiar o modelo de uma década antes” (p. 158).

Durante a festa de noivado, enquanto todos se encantam com a interpretação de Maria Joaquina da Conceição Lapinha, cantora negra que viveu efetivamente naquela época e obteve enorme sucesso, Muana observa que Emerenciana sai disfarçadamente para se encontrar com o amante, Alceu Coimbra, no pomar. A moça era conhecida pelo povo com o apelido de “Hora da sesta”, pois aproveitava o sono da tarde dos pais para encontro com seus amantes no fundo do palacete onde moravam.

Muana descreve também que, em outro momento, após a festa, Bernardo se viu diante de Emerenciana, sem a presença dos pais, e tentou forçá-la, imobilizando-a contra a parede. Ela tentava evitá-lo, mas a luta estava ficando cada vez mais difícil para a infeliz noiva. De repente, surge Alceu Coimbra e, na expressão entre Emerenciana e o moço, Bernardo percebe tudo: os dois se amam. O comerciante agride Alceu com uma tábua, monta em sua carroça para fugir em direção ao Valongo. Era noite chuvosa, Alceu o alcança,

os dois se engalfinham no chão enlameado, e o amante consegue estrangular Bernardo. Feito isso, acomoda o cadáver num caixote, transporta-o até a Rua Detrás do Hospício e o deixa abandonado no local. Eis como Muana descreve a cena:

Acompanhei todos os acontecimentos levada pelo meu cortejo do outro mundo, em espírito. Assim como Roza e Marianno que, movidos pelo rancor represado, fizeram o que disseram ao Intendente, ao senhor Nuno Moutinho e ao guarda quando foram à hospedaria (p. 177-8).

A vidente dá a entender que os corpos físicos dela, de Roza e de Marianno ficaram onde deveriam estar para estabelecer seu álibi, mas seus espíritos acompanharam os acontecimentos da cena do crime e perpetraram sua vingança contra Bernardo, conforme declarado ao Intendente, que, por estar encantado pela comida da Roza, não teve condições de processar a confissão.

Considerações finais

O crime do Cais do Valongo permite algumas constatações que não se reduzem apenas ao aparente tema central do assassinato de Bernardo Lourenço Vianna e seus desdobramentos para desvendar o misterioso crime. Na realidade, o romance tem como foco principal o crime de lesa-humanidade perpetrado contra as diversas etnias provenientes das nações africanas. Com sua atuação personalíssima de mulher escravizada, mas insubmissa, que aprende a ler e a escrever em ambiente totalmente hostil, Muana Lómuè simboliza a luta das intelectuais negras diante dos desafios para sua afirmação no panorama literário brasileiro. Conforme observa André Luís Mourão de Uzêda:

Em *O crime do Cais do Valongo*, não só temos as vozes ativas de um mestiço nascido liberto e de uma escravizada africana, como ambos dominam as competências da leitura e da escrita. São, portanto, apesar das condições adversas em que se encontram, de fato protagonistas de suas próprias vidas. Nesse sentido, sua escrita soma-se a uma nova vertente da literatura brasileira contemporânea, em que a voz passiva dos “representados” dá lugar à voz ativa da representatividade, como ocorre em *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves, ou na ficção de Conceição Evaristo (2019, 2).

Percebido nessa perspectiva crítica, o estigma da afirmação no campo literário se projeta para a própria situação dos afro-brasileiros e das afro-brasileiras na contemporaneidade, ao revelar as múltiplas questões que afetam a diversidade sociocultural no país.

Sem intenção de estabelecer qualquer sequência rígida no enfoque dessas questões, verifica-se que a primeira delas está vinculada à necessidade de se preservarem a história e a cultura afro-brasileira, criando meios de sua disseminação pelo país, em procedimento contrário ao que ocorre na historiografia oficial. A imagem com que, via de regra, se retratam as negras e os negros escravizados é de acomodada submissão. Raras são as oportunidades em que são veiculadas as diversas rebeliões deflagradas em empedernidos focos de resistência contra o escravismo, como os inúmeros quilombos, sendo o mais célebre o Quilombo dos Palmares, nos anos 1600. Além dele, houve na Bahia a Conjuração dos Alfaiates (1798) e a Revolta dos Malês (1835), que, apesar de derrotadas, mostram inequivocamente a reação da negritude contra o cativo.

Entretanto, a narrativa oficial se atém a configurar os escravizados como pessoas à espera de decisões paternalísticas mediante as leis gestadas no seio da elite brasileira, para abrandar a exploração de sua mão de obra. Aliás, a tão festejada Lei Áurea de outros tempos passou a não mais representar o ícone da liberdade, quando se constatou o fato de ela não vir acompanhada de garantias que assegurassem um mínimo de dignidade aos recém-libertos. Entregues à própria sorte, passaram a perambular principalmente pelas estradas do interior do país, sem ter como garantir seu sustento com trabalho remunerado. É o caso de os afrodescendentes continuarem a estratégia de resistência, como ocorre no romance, a fim de fazer frente às forças que queiram subalternizá-los em função de sua origem histórica.

Como acontece alegoricamente no romance, quando Muana, Nuno, Roza e Marianno unem suas habilidades para superarem o domínio senhorial de Bernardo, instaura-se, na mobilização impositiva das competências dos afrodescendentes, a saída para as ações afirmativas que os levem a conquistar maior autonomia e reconhecimento no sentido de rechaçar a desigualdade estrutural existente na sociedade brasileira. Inscrevem-se entre essas ações a luta pela superação das injustiças cometidas durante o regime escravista e a conquista de direitos que foram sequestrados desde a diáspora negra. Como quer André Luís Mourão de Uzêda, a escravidão é o verdadeiro crime revelado pelo romance de Eliana Alves Cruz (2019, 3).

Outra vertente de luta espelhada no romance é a inconformidade diante das tentativas de repressão contra as manifestações religiosas, artísticas e sociais de afrodescendentes. Verifica-se, inclusive na mídia destinada às camadas populares, o interesse em se mostrarem tais manifestações com alta dose de exotismo depre-

ciativo. Por exemplo, o *status* de religiosidade aceita socialmente é reservado apenas para crenças de origem judaico-cristã, em detrimento daquelas de raiz africana, satanizadas com base no pavoroso preconceito cultivado por algumas seitas nas quais prevalece um fanatismo cruel, afastado, inclusive, dos próprios princípios cristãos que afirmam respeitar.

No romance, *Muana*, com sua mediunidade, consegue ter a seu lado para orientar seus caminhos “o cortejo formado pelos espíritos de Mamatundu, seus irmãos, seu pai, sua mãe, Sofia e o escravo das Tamarineiras”, além de contar com a proteção de Nipele, a deusa de sua maior devoção (p. 162). Esse apelo ao sagrado mostra a potência mística da protagonista e narradora, deixando entrever que a magnitude de sua presença não se limita apenas às lides terrenas, mas possui, sim, forte ligação com a ancestralidade. Conforme assinala Luiz Antonio Simas (2019):

O que a autora faz é dominar com maestria os códigos de percepção de mundo dos subalternizados, entendendo a ancestralidade, o corpo mítico como modelador de condutas e os procedimentos de ligação entre o visível e o invisível, expressos em toda sorte de mandingas, como componentes de sofisticada cosmogonia e dos modos de invenção da vida dos povos saídos das Áfricas.

A ligação entre o visível e o invisível ocorre também na revelação de que Mr. Toole, a quem *Muana* contara a história de sua vida, é o espírito que vinha visitá-la sempre à noite, para agir como um demiurgo a fim de despertar nela o sentido da ressignificação de sua

história como meio de afirmação da subjetividade dos escravizados, mesmo no ambiente deletério da escravidão.

Como se depreende, múltiplas são as possibilidades de interpretação oferecidas por *O crime do Cais do Valongo*. Portanto, quem o considerar, desavisadamente, apenas na perspectiva de mais um romance policial dos tempos do Brasil Colônia, estará perdendo um referencial importante sobre as multifacetadas situações vivenciadas desde aqueles tempos pelo povo negro e seus descendentes, com profundos reflexos na contemporaneidade.

Desde que apreciado com a devida consideração, o romance de Eliana Alves Cruz se constitui em mais um precioso elemento de reflexão em torno dos fatores culturais envolvidos no papel político da população negra na realidade brasileira. Trata-se de texto consistente que une ficção e realidade de maneira harmônica, conseguindo, assim, manter um dos princípios mais caros a Patrícia Collins, expoente do pensamento feminista negro: fundir o trabalho intelectual ao ativismo, no sentido de promover a justiça social (2019: 26), expectativa a alcançar a adesão da intelectualidade negra em nível universal, apesar dos entraves interpostos pelo racismo estrutural.

Referências

- BENJAMIN, Walter. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp. 197-221.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COLLINS, Patricia Hill. “Pensamento feminista negro (trecho)”. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Suplemento Pernambuco*, Recife, nº 160, jun. 2019. Inéditos, pp. 26-7.
- CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- HOOKS, Bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End, 1984. [Tradução livre de Fernanda Rodrigues Miranda].
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renato Santini. São Paulo: N-1, 2018.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues. “Narrativa e experiência histórica nos romances de autoras negras brasileiras: silêncios prescritos”. *Revista Crioula*, São Paulo, nº 23, pp. 213-229, 1. sem. 2019.
- OLIVEIRA, Flávia. “Apresentação”. In: CRUZ, Eliana Alves. *O crime do Cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Malê, 2018, p. 1.
- SIMAS, Luiz Antonio. “O crime do Cais do Valongo é literatura da melhor qualidade”. *Literafro*. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/1189-o-crime-do-cais-do-valongo-e-literatura-da-melhor-qualidade>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

UZÊDA, André Luís Mourão de. “Eliane Alves Cruz: *O crime do Cais do Valongo*”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, nº 57, 2019, pp. 1-4.

Resumo

A princípio confundido com um romance policial, *O crime do Cais do Valongo*, de Eliana Alves Cruz, extrapola em muito essa visão reducionista. A narrativa desafia histórias contadas pela africana Muana Lómuè e pelo mestiço Nuno Alcântara Moutinho, com o protagonismo das negras e dos negros escravizados, tendo como ambientação as nações da África e o Rio de Janeiro dos tempos coloniais. Como esclarece Flávia Oliveira (2018), “o livro viaja a uma África de diversidade étnica e cultural ainda desconhecida no Brasil”, para ressignificar as relações entre a opressão senhorial e a resistência dos escravizados. Tal postura vem contrariar textos ou “documentos” históricos que, em diversas oportunidades, enunciam uma acomodada submissão de escravizados em terras brasileiras. Assim, o presente romance contribui para ajudar a “entender as partes do passado que permanecem produzindo os embates contemporâneos”, no sentido de romper com o discurso silenciado ou interdito do negro na literatura brasileira, conforme reitera Fernanda Rodrigues Miranda (2019).

Palavras-chave: O crime do Cais do Valongo; resistência dos escravizados; diversidade étnica e cultural.

Abstract

At first misunderstood as a detective novel, *O crime do Cais do Valongo*, by Eliana Alves Cruz, exceeds this reductionist view. Considering slaves as main characters, the novel reveals stories by Muana Lómuè and Nuno Alcântara Moutinho, since the ancient nations of Africa to Rio de Janeiro at colonial times. As explained by Flávia Oliveira (2018), “the novel travels to an Africa of ethnic and cultural diversity still unknown in Brazil”, to re-signify the relationship between landowners’ oppression and slaves’ resistance. This statement goes against to historical texts or “documents” that enunciate, on several occasions, a comfortable submission of slaves in Brazil. Thus, the present novel helps to “understand the past that will continue to make contemporary clashes” in order to break the silenced or

banned participation of black people on Brazilian literature, as reiterated by Fernanda Rodrigues Miranda (2019).

Keywords: *O crime do Cais do Valongo*; resistance of the slaves; ethnic and cultural diversity.